

O Crítico e o Funeral

Estávamos em casa do maior e prontos para a inauguração da maravilhosa vitrola, último tipo, com os mais modernos aperfeiçoamentos. Ouvimos *Just a closer walk with thee*, um clássico de Nova Orleans, na interpretação do grande trumpeta Bunk Jhonson, música feita especialmente para ser tocada nos funerais dos negros norte-americanos. A vitrola correspondia cem por cento à expectativa de todos. Foi quando, vindo do apartamento ao lado, chegou até nós o choro de crianças manhosas.

— Reparem que maravilhosa, disse o crítico José Sanz, um dos presentes. Até o choro dos acompanhantes do enterro foi fielmente gravado e reproduzido com a maior perfeição, graças a esta estupenda vitrola!

Em Estilo Clássico

O primeiro disco da Rádio, a nova fábrica de gravações de Petrópolis, será um *long-play* e reunirá as melodias populares *Prendá minha, Sapo Jururu, Lampião, Não quero que ninguém me prenda, Boi Barroso, Meu boi morreu, Páu rolou... caiu, Mestre Carreiro*. Alceu Bocchino ao piano. O disco tem o nome de "Temas brasileiros em estilo clássico". (Que será isso?)

Dois Opiniões Sobre o Fado

... "estranha música da vida em que cada som em íntima harmonia com os sons da guitarra, correspon-

de a tonalisa de cor justa cada palavra da letra..." (João do Rio).

"O fado é um arrôto". (Orestes Barbosa).

Do Autor de Star Dust

Os cinemas do Rio estão apresentando esta semana o filme "A caminho do pecado". Nêle são ouvidas três novas composições de Hoagy Carmichael — *The monkey song*, interpretada pelo próprio compositor, e *I gete alog without you very well* e *My resistence is low*, na voz de Jane Russel, a atriz que, segundo as notícias fornecidas pela publicidade da RKO, "tem o busto venusino, alvo de tantas atenções internacionais".

Em 1929

Nos teatros de revista, Zilda Espinola, a Araci Côrtes, tinha uma legião de admiradores. Cantava como ninguém, num estilo todo seu, afinadíssima. E desfilavam os grandes sambas de Sinhô, de Caninha e de Henrique Vogiler. Em um outro quadro, aparecia o rapazinho simpático e muito desembaraçado, sem nenhum cartaz. Seu nome: Sílvio Caldas. Marcava o breque do samba com um sapateado que provocava aplausos entusiásticos. Quase sempre cantava os sambas de um novo compositor, Ari Barroso.

Para as Cantoras do Barão

Aconselhamos a essas distintas senhoras francesas a

leitura urgente do livro de Yvette Guilbert — *L'Art de chanter une chanson*.

Ulanov, Oderigo e Rex Harris

Depois de uma fraquíssima *História do Jazz na América*, do norte-americano Barry Ulanov, apareceram dois excelentes livros sobre o mesmo assunto — *Estética do Jazz*, do argentino Nestor R. Ortiz Oderigo, e *Jazz*, do inglês Rex Harris.

Pelo que se vê, os norte-americanos são os mais fracos teóricos e historiadores de sua própria música.

Atavismo

Lembro-me de uma certa festa de pernambucanos, no Iate Clube Fluminense. O frêvo desenfreado dominava a todos. O cordão passou pela mesa do escritor e jornalista Osório Borba. Tocavam os *Pás Douradas*. Borba foi ficando tomado pelo ritmo, como bom pernambucano que é. Fêz força para resistir, mas não pôde. Dentro em pouco se espalhava pelos salões, fazendo os mais complicados passos. E arrastou a multidão. Ninguém mais ficou sentado até que o sol começou a despontar anunciando uma segunda-feira, felizmente uma segunda-feira de carnaval...

O Maior Crítico

Era o nosso maior crítico musical a esposa tocava violim

Carta à Moça Tereza

Tereza:

Aquêle navio, que está passando, lentamente, têm sido a preocupação de muitas noites. Queria ser um entre os turistas de bigode, que devem estar passeando em seu tombadilho, com um cachimbo na boca e uma transação, ou uma mulher, no próximo pôrto. A "chaise longue" do convés, onde eu me abandonaria por horas e horas, poderia acalantar todos os sonhos que viessem e me embalassem. O vento do mar, em meu rosto, em meus cabelos, em meu coração, purificará o meu corpo — gasto de tantos vícios e pecados, tão precisado, agora, dêsse banho de purificação. Na praia molhada, certa vez um poeta dormiu e, quando despertou, era anjo. Saíu, então, em busca de um beijo de dopzela e foi, correndo, buscá-lo da boca mais pura na mais jovem e mais bela inspiradora dos seus versos. Lá está o navio, Tereza, carregando luzes e gente, pelos caminhos do mar. Ele me levará, um dia, para as minhas saudades indefinidas, mas certamente, distantes. Quero chegar, seja onde for, levado de tudo, no corpo e dou anjo, no estado de graça das crianças, emna memória, sem passado e sem remorsos, para ser igual ao poeta que dormiu na praia e acor-

bara ciente de que o coração e a camisa se irão manchar outra vez. Ah, Tereza, esse navio, diante de mim, parece que não anda. Todas as noites, lá está ele. Ou sou eu, que não ando?... que fico na praia, numa vagabundagem, ruim, mortal, que não sei reprimir? Você, agora, talvez me queira e me espere, nesse pôrto que não sei onde é. Se eu chegasse, talvez fôsse encontrar o seu sorriso aberto, os seus braços abertos, aberto o talhe do seu vestido e os seus olhos molhados pelas lágrimas de uma felicidade violenta. Então, andaríamos ao longo da cais, de mãos dadas, sem sentir a presença de outros navios que ainda nos viessem chamar.

Mas isso tudo, que nem bonito chega a ser é mentira. Sou eu, que, depois de muitas andadas, acabei fatigado e mal-feliz, sem orgulho do que fiz e sem saber o que ainda quero. Não há um navio parado. Há muitos, andando, e nem me ligam. Não se entristeca por mim. Amanhã, quando for um dia muito claro, tocará um telefone e eu, com o maior cinismo deste mundo, direi: "alô". Se houver água, tomarei banho. Se não houver, direi um palavrão e limparei os olhos na manga da camisa

Até um dia, moça.

ANTONIO MARIA

NÓS E OS CHILENOS

É CLARO que a melhor coisa a ler em COMÍCIO é a seção "Os queridos confrades", em que transcrevemos trechos de artigos ou notas de outros jornais e revistas. Seu defeito é não ser, ainda, nacional, isto é, incluir apenas material extraído dos jornais do Rio, quando temos, por este Brasil à fora, uma imprensa tão viva e tão vária. Além disso a seção está sendo feita às pressas, porque o sujeito encarregado de fazê-la é encarregado de muitas outras coisas, e sempre deixa essa para a última hora. Bem feita, ela valeria pelo resto do jornal — pois, apesar do brilho fulgurante de nossos maravilhosos redatores e colaboradores, uma publicação tão modesta como a nossa não poderia apresentar nada melhor do que uma seleção do que dizem os nossos queridos confrades.

Do que se transcreve neste número eu gostaria de chamar a atenção para duas reações brasileiras à notícia da vitória de Ibanez nas eleições chilenas. Muito de indústria não fomos colhê-la em meios esquerdistas, ou então suspeitos de simpatia pelo General Perón, que foi o padrinho da candidatura Ibanez — embora ninguém possa dizer até que ponto o afilhado será dócil ao padrinho: Muito de indústria selecionamos duas opiniões colhidas onde quase todo dia se pode ouvir uma lóe ao capital estrangeiro e às suas benemerências. A direção do "Diário Carioca" e o Sr. Augusto Frederico Schmidt não são apenas anticomunistas; ambos levaram sua crença na cooperação norte-americana a ponto de defender a tese de que o projeto da Petrobrás, com as emendas nacionalistas que a UDN e elementos de outros partidos impuseram ao governo, é um erro pavoroso; melhor seria entregar a exploração de nosso petróleo ao capital privado nacional e estrangeiro — em resumo, à Standard. Não queremos discutir aqui essas opiniões que não adotamos, mas respeitamos, ainda que aborrecidos e até chateados por essa obrigação democrática de admitir todas as opiniões. Apenas queremos precisar que é de tais fontes que parte esta reação primária e justa diante do resultado das eleições chilenas: a culpa é, antes de tudo, dos Estados Unidos, isto é, da política de inabilidade, incompreensão e pão-durismo que eles executam na América Latina.

Eu, por mim, sempre achei que uma grande desvantagem que o Brasil leva em todas as suas negociações com os Estados Unidos é a certeza permanente, que o nosso parceiro tem, de que, no fim das contas, nos submeteremos a tudo que ele quiser. Um diplomata brasileiro, que tem desempenhado missões de alta importância, me contou a conversa que teve, certa feita, com uma alta figura do Departamento de Estado, que pedia a sua opinião sobre a atitude que assumiríamos, em uma assembleia internacional, sobre um determinado assunto. "Eu acho que a nossa delegação..." — começou a dizer o brasileiro, mas o americano o interrompeu:

— "Sua delegação eu sei, votará conosco, como sempre. Não é isso que estou perguntando. Eu queria saber qual será, no seu entender, a reação da opinião pública no Brasil".

A anedota é melancólica, mas perfeitamente autêntica. Aquêle diplomata americano era talvez um tanto sem-cerimônia, ou, se quiserem, impertinente, ou, se quiserem mais um pouco, cínico; mas era, principalmente, mais inteligente que os outros. Ele se preocupava com as reações da opinião pública de um país sul-americano, o que não costuma acontecer nem aos diplomatas norte-americanos nem... aos governos sul-americanos.

Talvez o exemplo do Chile, bem explorado, possa nos ser útil.

RUBEM BRAGA